Revista Municipal
Câmara Municipal de Lousada
N.º 176 Ano n.º 20 – 4.ª série
Data: janeiro 2019
Depósito Legal: 49113/91
ISSN: 1647-1881

ALMINHAS
PEQUENOS TEMPLOS, GRANDES DEVOÇÕES
Notas para o seu estudo no concelho de Lousada

Em Lousada, ainda hoje, se faz notar a prática de rezar diante das alminhas, constituindo um assinalável culto no que diz respeito aos costumes da nossa localidade. As alminhas são testemunho da crença, que ainda persiste nos nossos dias, transportando consigo uma corrente de fé que se baseia na piedade pelo sufrágio e salvação da alma.
A devoção às almas do Purgatório é uma componente de grande destaque das comunidades católicas. A partir da crença num terceiro lugar, o Além, ainda hoje são reproduzidos ritos, crenças e gestos que durante séculos ligaram o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Como objetos devocionais do quotidiano, as alminhas ou os retábulos das almas raramente surgem nas fontes históricas, talvez pelo seu caráter popular, vernacular e pouco normativo.

Alminhas, Rua de Moinhos, Macieira.

Sara Vieira | scnvieira@gmail.com
Estagiária de Mestrado em História de Arte, Património e Cultura Visual. CML

1. ALMINHAS – A GÉNESE

As alminhas são resultado do culto religioso baseado na crença do Purgatório, em que o local ou o santuário se assumem como meios para chegar a Deus. A génese deste auxílio para a salvação da alma tem uma origem remota. Práticas e devoções semelhantes existiam já nos altares romanos, os quais eram erguidos junto a caminhos, nas encruzilhadas ou entradas de pontes. (Pinheiro, 1957:4)

Apesar do princípio análogo entre as construções romanas e as alminhas que chegaram até aos nossos dias, este edificado distingue-se na interceção da súplica, uma vez que os romanos dirigiam os seus clamores aos deuses, entidades imateriais, contrariamente, nas alminhas é invocada a oração aos vivos a favor dos mortos.

FIGURA 1
Alminhas Rua Santo Estêvão, Santo Estêvão.

Alminhas de planta retangular, com nicho insculpido redondo truncado com núcleo de arco triangular resguardado por gradeamento composto por faixas de varetas metálicas de secção retangular. Assenta sobre muro ladeado por dois remates laterais esféricos esquerdos e dois remates laterais esféricos direitos com inscrição: "Vós que ides passando lembrai-vos de nós que estamos penando." Com assinatura no canto superior esquerdo: F. Gonçalves Gil Eanes 31 V.N. Gaia.

As alminhas têm sobretudo o conceito cristão de memorar as almas dos defuntos, mas apenas as dos fiéis defuntos, pedindo concomitantemente aos fiéis ainda vivos as suas respetivas orações. Segundo Ângelo Santos, a oração pelos defuntos encontra-se bastante enraizada na Igreja nascente, reforçando com a seguinte citação de Tertuliano (160-220): "Fazemos oblações pelos defuntos, no dia anual do seu nascimento" (Santos, 2015:9), o autor refere ainda que a oração pelos defuntos era uma realidade tão verificável nas primeiras comunidades, que remetia-se o seu uso desde os tempos apostólicos, "(...) rezando por eles e pedindo a outros que também orem...Porque sem razão foram estabelecidos pelos apóstolos mesmo estas leis; digo que durante os venerados mistérios se faz memória dos que morreram...Bem sabiam eles que disto retiram os defuntos grande proveito e utilidade" (Mateo Seco cit. por Santos, 2015:10).

A devoção às almas do purgatório é uma componente de grande destaque das sociedades católicas. Juntamente com o culto às almas do purgatório desenvolveram-se outros fenómenos que ultrapassam os dogmas teológicos e doutrinários católicos. Ainda hoje persiste a já antiga crença nas almas penadas que surgem aos vivos, reivindicando orações, sufrágios e promessas por cumprir, que condicionavam a passagem da alma do purgatório para o Paraíso. Neste sentido é necessário através de ritos, gestos, símbolos, garantir a boa passagem dos mortos ao bom lugar (Paraíso), de modo a que se consiga assegurar que os mortos não transponham a barreira que separa a sociedade dos vivos e o Além.

FIGURA 2 Alminhas Travessa das Cales, Meinedo.

Alminhas com edícula em alvenaria de granito, com embasamento, de nicho insculpido de núcleo de arco de volta inteira, moldurado, fechado por porta metálica de gradeamento largo cruciforme, encimado por cimalha angular de duas águas com recorte saliente. Conjunto assenta sobre pedestal simples. No interior, painel azulejar em mau estado, com tema de Cristo Crucificado seguido da inscrição: "Vós que ides passando lembrai-vos dos que estão penando". Com data inscrita na pedra na parte traseira com a data de 1882.

2. ALMINHAS – O CASO LOUSADENSE

As estradas e caminhos de Lousada estão povoadas por altares ou oratórios, sendo este também um marco incontornável do norte de Portugal, principalmente no Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes. Estas alminhas são formadas por um nicho com um painel, geralmente ornamentado com velas a arder, com um peto para as esmolas e com flores. Os painéis, concebidos nos mais diversos suportes, ostentam normalmente os condenados a arder em chamas no Purgatório.

Para além do cunho religioso, este edificado, que testemunha uma enorme devoção, interessa também como registo vivo da arte popular. As alminhas documentam um forte sentido crítico pela alusão ao grande número de elementos femininos, que alegadamente pecaram, para além disso protagonizam figuras como reis, clérigos, papas, entre outros, a arder em chamas infernais. Nas cenas de teor marcadamente catequético surgem também anjos a resgatar almas, entre outras figuras celestiais que pairam no céu. A iconografia mais representada em Lousada é a do juízo divino que castiga os pecadores, o qual nos informa que há garantia de igualdade dos homens no dia do juízo final.

Importante referir que até um período tardio da arte medieval apenas o Purgatório foi representado na escultura e na pintura. A reforma católica levada a cabo após o Concílio de Trento (1545-1563) veio estabelecer determinadas regras a nível iconográfico que resultaram numa maior uniformização da temática representada.

Em Évora, na Igreja de Santo Antão, ainda existe uma tábua do Purgatório que data de finais do século XVI, sendo esta um exemplar que testemunha as primeiras difusões da representação do Purgatório em contexto pós-tridentino. O assunto ter-se-á difundido por todo o país, repetindo no século XVII, os temas do século XVI, preservando as mesmas características no que diz respeito ao conteúdo (Lourenço, 2014:118).

O interesse em Portugal pelas almas do Purgatório ocasionou a sua grande popularidade na arte. Apelando orações pelos seus entes queridos, os devotos espalhavam os quadros do Purgatório por locais públicos, dando assim origem às "alminhas", afirmando-se em toda a Península Ibérica, mas com um foco mais enraizado no norte do nosso país.

Em Lousada, os temas mais representados são: alminhas do Purgatório, Nossa Senhora do Carmo (a rainha do céu e da terra que poderá interceder por todos aqueles que recorrem a ela por oração), Nossa Senhora de Fátima, o Cristo Crucificado e o Arcanjo Miguel. A título de exemplo na Rua Santo Estevão (Santo Estevão) é representado o tema de Nossa Senhora do Carmo e as alminhas do Purgatório, com o tema de Nossa Senhora de Fátima são exemplo as alminhas na Rua do Formigal (Vilar do Torno e Alentém), o Cristo Crucificado está representado nas alminhas da Rua do Caibral (Meinedo) e o Arcanjo Miguel, como é o caso das alminhas na capela de São Bartolomeu, em Vilela (Aveleda). Os suportes utilizados são em maior número painéis azulejares, na sua maioria

FIGURA 3 Alminhas Rua do Outeiro, Lodares.

Alminhas em granito, de um só tramo, com nicho encastrado, em aglomerado de granito, com vão de arco abaulado, fechado por porta de acesso metálica vazada com segmentos circulares, centrada por uma cruz latina simples ao centro. Sem entablamento, com cornija simples com cobertura de duas águas. No interior painel azulejar em mau estado, de Nossa Senhora do Carmo com a inscrição: "Lembrai-vos das Benditas Almas" com as alminhas do Purgatório aos seus pés. Centrados com a porta, dois campos epigráficos com a data de execução:1783 e a data de renovação:1957.

assinados pelo autor e/ou fábrica de produção, sendo que também existem em suporte de madeira, mas evidenciando já um elevado nível de degradação, como se pode observar nas alminhas do Caibral (Meinedo).

Em face do estudo e inventário que se tem vindo a desenvolver, de forma geral, nas freguesias contabilizaram-se, até ao momento, entre zero a nove alminhas, sendo que a freguesia de Meinedo se destaca pelo maior número deste edificado, seguida da freguesia de Lustosa com seis alminhas. Com um

FIGURA 4 Alminhas Rua das Almas, Santo Estevão.

Alminhas em granito, com edícula em alvenaria de granito, de planta retangular, com cruz latina simples emoldurada, com núcleo de arco redondo, moldurado com cinco arquivoltas, com pequeno recorte reto angular. O conjunto assenta sobre pedestal com textura e cor distinta do bloco monolítico superior, com desenho de cartela inscrito em torno de um possível peto.

número ainda significante destacam-se as freguesias de Torno, Ordem e Vilar do Torno e Alentém com quatro alminhas. Embora existam exceções, observa-se uma tendência para o edificado mais recente (século XX, anos 50), se localizar predominante em vias que evidenciam uma cronologia não muito recuada, de expressão pouco sinuosa e maioritariamente junto de locais de passagem, como os cruzamentos. Entre variados exemplos estão as alminhas da Rua de Santa Maria Maior, em Meinedo, datadas de 1959, junto à nacional 320-1, no sentido Meinedo-Caíde de Rei, as quais se inserem naquela baliza cronológica, e as alminhas de Soutelo (Vilar do Torno e Alentém), na Rua do Formigal, no sentido Macieira-Torno, datadas de 1954. Já para um período mais recuado, podemos observar em Meinedo, as alminhas da Travessa das Cales (datadas de 1882) e as aminhas da Rua de Além.

No âmbito de uma leitura arquitetónica, as alminhas têm um valor estético e dimensão muito diversa, surgem dominantemente em granito com planta retangular e frequentemente coroadas com cruz latina simples. Em alguns casos surgem sinalizadas com um campo epigráfico com o respetivo ano em que foram feitas e/ou em que foram restauradas.

Este património religioso carece da devida proteção no sentido em que se evitem danos e perdas futuras irreparáveis no que diz respeito a um testemunho fulcral da nossa identidade. O interesse cultural relevante, designadamente histórico, arquitetónico, artístico, etnográfico, científico ou técnico destes reflete valores de memória e originalidade.

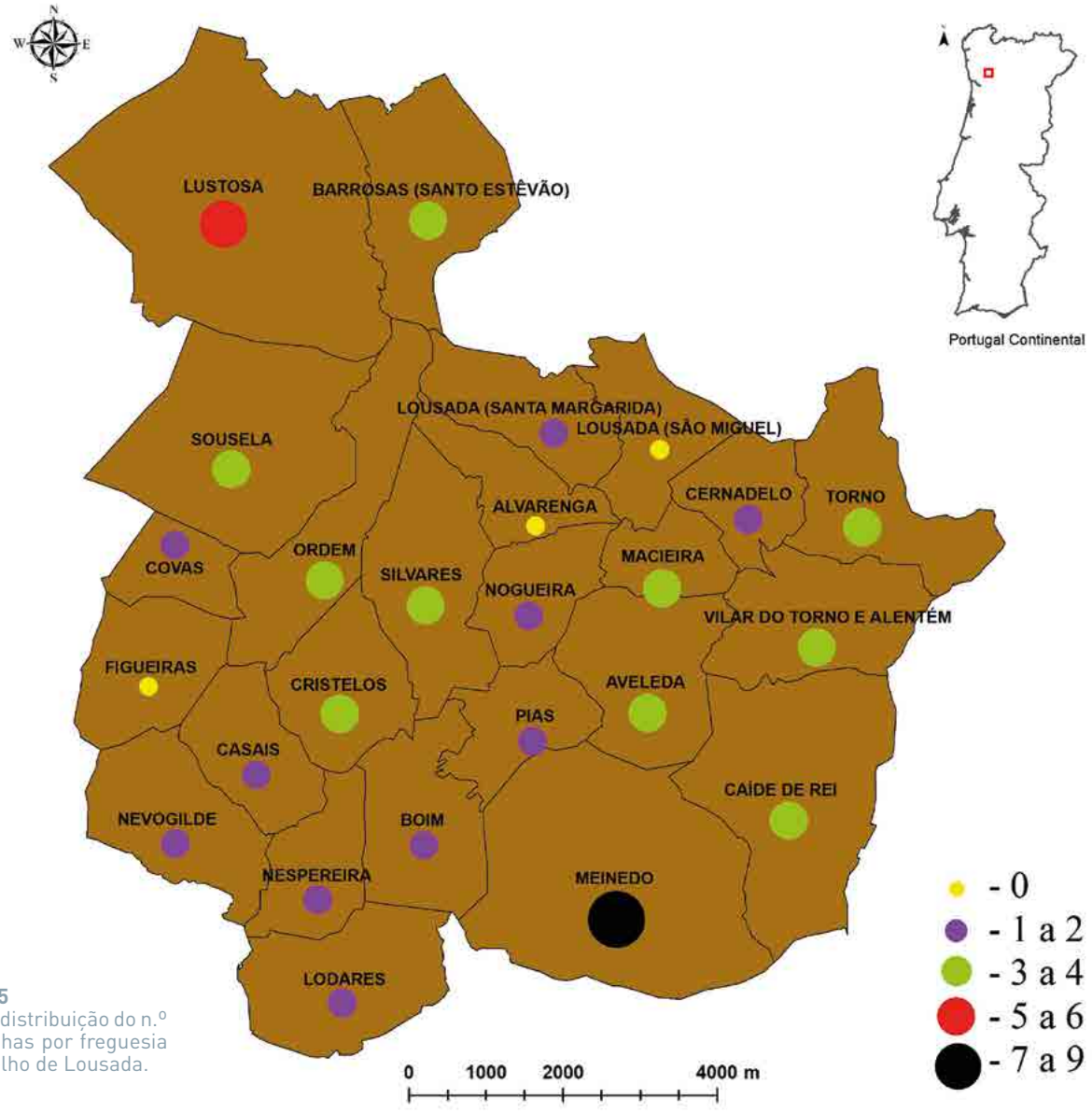

FIGURA 5
Mapa de distribuição do n.º de alminhas por freguesia no concelho de Lousada.

Bibliografia

LOURENÇO, Natália – *A vida e a obra do historiador Flávio Gonçalves (1929-1987) Estudos Breves.* Lisboa: Departamento de Ciências Sociais e de Gestão / Universidade Aberta, 2014. (Dissertação de Mestrado).
PINHEIRO, Luís – *Alminhas, Nichos e Cruzeiros de Portugal: Fascículo I, Minho.* Braga: s/n, 1957.
SANTOS, Ângelo Fernando Gregório Ramos – *O Purgatório na Escatologia Católica. Uma identidade em construção.* Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2015. (Dissertação de Mestrado em Teologia).